

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 17/10/2025** | **aceito: 19/10/2025** | **publicação: 21/10/2025**

Pedagogia da partilha: da multiplicação dos pães e peixes a uma ecopraxis sustentável

Pedagogy of sharing: from the multiplication of loaves and fishes to a sustainable ecopraxis

Rafael Ribeiro Nascimento

RESUMO

Este artigo analisa a narrativa bíblica da multiplicação dos pães e peixes (Mt 14:13-21; Mc 6:30-44; Lc 9:10-17; Jo 6:1-15) como uma “pedagogia da partilha”, com implicações para uma ecopraxis sustentável no contexto pentecostal. A partir de uma análise retórica e do diálogo com teólogos latino-americanos, o texto critica a “idolatria do mercado” e sua lógica de escassez. Em seguida, aborda a tensão entre a Teologia da Prosperidade e a ética da partilha, propondo uma “ecoteologia do Espírito” como solução. Por fim, detalha-se como esta teologia se torna práxis ao ressignificar elementos centrais da fé pentecostal (o corpo, a batalha espiritual e a liturgia) em ações concretas de justiça socioambiental, como a “auditoria profética” das finanças e o combate ao desperdício. O artigo defende que a fé pentecostal na providência pode ser um potente motor para a sustentabilidade, fundamentada na partilha comunitária.

Palavras-chave: Teologia Prática, Partilha, Idolatria de Mercado, Pentecostalismos.

ABSTRACT

This article analyzes the biblical narrative of the multiplication of the loaves and fishes (Matthew 14:13-21; Mark 6:30-44; Luke 9:10-17; John 6:1-15) as a "pedagogy of sharing," with implications for a sustainable ecopraxis in the Pentecostal context. Based on a rhetorical analysis and dialogue with Latin American theologians, the text criticizes the "idolatry of the market" and its logic of scarcity. It then addresses the tension between Prosperity Theology and the ethics of sharing, proposing an "ecothology of the Spirit" as a solution. Finally, it details how this theology becomes praxis by redefining central elements of Pentecostal faith (the body, spiritual warfare, and liturgy) into concrete actions of socio-environmental justice, such as the "prophetic audit" of finances and the fight against waste. The article argues that Pentecostal faith in providence can be a powerful driver of sustainability, grounded in communal sharing.

Keywords: Practical Theology, Sharing, Market Idolatry, Pentecostalism.

1. INTRODUÇÃO

A crise socioambiental contemporânea, marcada pela contradição entre uma capacidade produtiva inédita e seus resultados reais – a aguda concentração de riqueza e a degradação ambiental –, revela uma lógica subjacente. Trata-se do que Leonardo Boff (2004, p. 11) define como a “lógica que explora as classes [...] e depreda a Terra”, a qual promove uma “obsessão pelo consumo” (SUNG, 2010, p. 12-13). É precisamente esta lógica, e seu impacto sacrificial na vida e na Criação, que constitui um profundo desafio espiritual, interpelando a teologia a propor uma práxis transformadora. É nesse contexto que a perícopes da multiplicação dos pães e peixes, narrada nos quatro Evangelhos (Mt 14:13-21; Mc 6:30-44; Lc 9:10-17; Jo 6:1-15), ganha relevância. Frequentemente reduzido a uma demonstração do poder miraculoso de Jesus, este episódio, quando lido em profundidade, revela-se um paradigma bíblico para a superação da crise atual. Diante da fome da multidão, a primeira reação dos discípulos é recorrer à lógica dominante: a do mercado. Eles propõem: "Despede-os para que vão aos campos e povoados vizinhos e comprem para si o que comer" (Mc 6,36). A resposta de Jesus,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

contudo, desloca o eixo da questão e inaugura uma nova economia: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,37). Esta inversão é o ponto de partida para a nossa reflexão.

A tese central deste artigo é que a narrativa da multiplicação, quando analisada a partir das ferramentas da Teologia Prática e do método da análise retórica, revela uma "pedagogia da partilha" que serve como fundamento para uma ecopraxis eclesial sustentável. Argumentamos que o milagre não reside na mágica multiplicação dos elementos, mas na transformação da mentalidade da escassez em uma ética da suficiência, mediada pela partilha comunitária. Jesus não age sozinho; ele convoca, organiza e capacita a comunidade a se tornar agente da providência. A bênção, o repartir e a distribuição se tornam gestos litúrgicos que reordenam as relações sociais e materiais, gerando abundância a partir do pouco.

Para desenvolver esta ideia, o artigo estrutura-se em quatro partes centrais. A primeira realiza uma análise retórica da perícopes da multiplicação, focando em como a narrativa constrói a "pedagogia da partilha". A segunda coloca essa análise bíblica em diálogo com o pensamento de teólogos latino-americanos, notadamente Assmann e Hinkelammert, para enquadrar a partilha como uma crítica à "idolatria do mercado". A terceira é dedicada a investigar os desafios e possibilidades que essa pedagogia oferece aos pentecostalismos, diagnosticando a tensão com a Teologia da Prosperidade e propondo uma "ecoteologia do Espírito". A quarta seção, de caráter prático-propositivo, detalha como essa ecoteologia se traduz em uma ecopraxis concreta, ressignificando elementos centrais da fé pentecostal (corpo, batalha espiritual e liturgia) em chave socioambiental. Finalmente, a conclusão sintetizará os argumentos e apontará para as implicações desta proposta.

2. A RETÓRICA DA CORRESPONSABILIDADE: ANÁLISE DO MANDATO DA PARTILHA.

A força da narrativa da multiplicação dos pães e dos peixes não reside apenas no evento prodigioso, mas na forma como é contada. A análise retórica nos permite analisar a intenção do narrador, que busca não apenas relatar um fato, mas formar a consciência de sua comunidade. O cenário é retoricamente crucial: um "lugar deserto" - ἔρημος τόπος- (NOVUM..., 2012, Mc 6,31). O deserto, na tradição bíblica, é o espaço da prova, da carência e da murmuração, mas também o lugar privilegiado da revelação e da providência divina, como na experiência do maná (Ex 16). Ao situar o evento no deserto, o evangelista cria uma atmosfera de necessidade existencial que transcende a fome física, preparando a audiência para uma intervenção que reconfigurará a própria noção de provisão. Neste cenário de carência, emergem duas lógicas retoricamente contrastantes. A primeira é a economia da compra, proposta pelos discípulos. A solução é pragmática e reflete a ordem estabelecida: que cada um, por seus próprios meios, acesse o mercado para saciar sua necessidade.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

Esta lógica pressupõe a exclusão de quem não pode pagar e, portanto, não pode solucionar a fome da multidão. A resposta de Jesus, “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37), é uma quebra retórica decisiva com esse paradigma. Ela desloca a responsabilidade do indivíduo isolado para a comunidade solidária e a fonte da provisão do dinheiro para a dádiva. Inicia-se, assim, uma economia da dádiva, que não se baseia na capacidade de compra, mas na disposição para a partilha.

A persuasão do texto é construída sobre os três pilares da retórica clássica. O pathos (apelo à emoção) é estabelecido desde o início pela compaixão de Jesus ao ver a multidão "como ovelhas que não têm pastor" (Mc 6,34). O texto move o leitor da ansiedade da escassez (a preocupação dos discípulos com os duzentos denários) para a paz da abundância (as doze cestas que sobram). O logos (o argumento lógico) não é discursivo, mas performático. A lógica de Jesus se prova superior não por um silogismo, mas por uma ação que efetivamente sacia a fome de todos. Por fim, o ethos (a autoridade e o caráter do orador) de Jesus é construído por sua calma e soberania. Contudo, e este é o ponto retórico central para a nossa tese, Ele deliberadamente partilha sua autoridade. O ethos da comunidade é edificado quando Jesus os convida a participar ativamente do milagre.

Contribui para esse entendimento, o foco nos verbos de ação. Jesus manda os discípulos organizarem a multidão, conferindo dignidade e ordem ao que era caos. Ele dá graças, inserindo o ato de comer na esfera do sagrado e da gratidão, não do mero consumo. Ele parte o pão, um gesto que se tornará o centro da identidade cristã. Mas são os discípulos que distribuem o alimento e, crucialmente, recolhem as sobras. Esta cadeia de ações constrói a retórica da corresponsabilidade. A solução para a fome não desce magicamente dos céus; ela passa pelas mãos humanas que se organizam, partilham e cuidam para que nada se perca. Aqui a suficiência não é produto da autossuficiência individual, mas da interdependência comunitária.

3. O PÃO REPARTIDO E A CRÍTICA À ECONOMIA IDOLÁTRICA: DIÁLOGOS COM A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA.

A análise retórica da multiplicação encontra um poderoso eco no pensamento teológico latino-americano. A economia da compra, proposta pelos discípulos, pode ser lida como uma submissão àquilo que Hugo Assmann e Franz Hinkelammert (1989, p. 11) denunciam como a idolatria do mercado. Este sistema, longe de ser neutro, assume contornos de uma divindade que exige sacrifícios de vidas humanas (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 12) em nome de sua lógica autorregulável. A resposta de Jesus, ao instituir a economia da dádiva, é um ato de profanação deste ídolo. Ele demonstra que a vida não se sustenta pela competição no mercado, mas pela cooperação na comunidade. A partilha, neste sentido, transcende a caridade e se torna um ato de resistência teológica e política.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

O gesto de repartir o pouco que se tem – cinco pães e dois peixes – e vê-lo se tornar suficiente para todos é a negação prática do dogma da escassez, sobre o qual se funda a lógica da acumulação. O ato de partilhar é, portanto, fonte de vida em um duplo sentido: sacia a fome concreta e liberta do medo que aprisiona os corações e as mãos, impedindo a solidariedade. A partilha revela que a abundância não está na posse acumulada, mas na riqueza que circula e gera comunhão. É o testemunho prático da fé no Deus da Vida que, na esteira da crítica desses teólogos latino-americanos, não exige a morte para gerar vida, mas se revela na vida que floresce a partir da doação mútua.

A lógica idolátrica não se manifesta apenas na acumulação que gera fome, mas também na gestão dos recursos. A idolatria que sacrifica vidas é a mesma que produz o desperdício. Por isso, a narrativa não termina com a saciedade da multidão. O mandato explícito de Jesus para “recolher os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (Jo 6,12) é de uma relevância teológica imensa para a nossa discussão. Este gesto introduz a dimensão do cuidado e da gestão responsável dos recursos como parte integrante da espiritualidade encarnada. Em um mundo regido pela lógica do descarte e do desperdício, o recolhimento das sobras é um princípio de sustentabilidade. Ele ensina que a dádiva de Deus, mesmo quando abundante, não pode ser tratada com displicência. O cuidado com a criação, a ecopraxis, começa com o cuidado com o pão que sobra. Esta atitude se opõe diretamente ao paradigma moderno que vê o ser humano "como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas" (BOFF, 2004, p. 16). O recolhimento das cestas é a imagem bíblica de uma economia que não explora até a exaustão, mas que administra com gratidão e reverência.

4. PENTECOSTALISMOS ENTRE A ABUNDÂNCIA E A PARTILHA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA ECOPRAXIS.

O diálogo entre os temas citados anteriormente com os pentecostalismos revela-se complexo e fascinante. Em muitas de suas vertentes, especialmente as neopentecostais, observa-se uma forte ênfase na fé como instrumento para alcançar a prosperidade material e a vitória nesta vida. Como descreve Ricardo Mariano (1999, p. 8), há uma mudança de foco para a "vida aqui e agora", com respaldo em doutrinas da Teologia da Prosperidade. Esta teologia, embora responda a um anseio legítimo por superação da pobreza, corre o risco de mimetizar a lógica individualista do próprio sistema de mercado que, como vimos na seção anterior, assume contornos de idolatria sacrificial. A bênção é, muitas vezes, interpretada como sucesso individual e capacidade de consumo, onde a posse de bens "são apresentados como provas da espiritualidade do fiel" (MARIANO, 1999, p. 156).

A pedagogia da partilha, extraída da perícopes da multiplicação, funciona como um ato de profanação dessa lógica idolátrica internalizada. A abundância no Evangelho não é para a acumulação individual,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

mas para a partilha que gera a suficiência comunitária. O milagre não enriquece os discípulos; ele sacia a multidão e cria laços de solidariedade. A pergunta pastoral que emerge é: como a fé pentecostal na providência divina pode ser canalizada não apenas para a busca da bênção individual, mas para a construção de uma comunidade que encarna a partilha? Como reler o milagre, não como um endosso à acumulação, mas como um chamado à distribuição? Isso implicaria em deslocar o foco da sociedade com Deus para obter vantagens (MARIANO, 1999, p. 161) para uma parceria com Deus na construção de um mundo onde "não havia necessitado algum entre eles" (At 4,34).

Contudo, seria um erro enxergar apenas tensões. A forte dimensão comunitária, uma das marcas do pentecostalismo, representa um imenso potencial para uma ecopraxis. As redes de ajuda mútua, o cuidado com os necessitados dentro da comunidade e a capacidade de mobilização social são capitais sociais e espirituais que podem ser intencionalmente direcionados para ações de sustentabilidade e justiça. A partilha já acontece de muitas formas na prática de igrejas locais, e o desafio é expandir essa ética para além dos muros da igreja, compreendendo-a como uma missão integral que inclui o cuidado com a criação.

Para tanto, a resposta a este desafio pode ser encontrada em uma ecoteologia do Espírito. O Espírito Santo, figura central na experiência pentecostal, é aquele que distribui dons e promove a koinonia (comunhão). Na teologia de Moltmann, o Espírito é a presença imanente de Deus que sustenta, vivifica e abre a criação para o futuro (OLIVEIRA, 2007, p. 101). Uma ecoteologia pentecostal pode, então, ver a ação do Espírito não apenas nos dons carismáticos, mas também no cuidado com a Terra, na luta por justiça social e na promoção de uma economia solidária. O mesmo Espírito que concede o dom de línguas pode inspirar o dom da partilha, da hospitalidade e da administração ecológica, tornando a comunidade pentecostal um sinal profético de um mundo sustentado pela lógica do dom e não do mercado.

5. A ECOPRAXIS DO ESPÍRITO: LITURGIA, CORPO E CRIAÇÃO

A proposta de uma ecoteologia do Espírito, delineada na seção anterior, não pode ser apenas um construto teórico. Para ser eficaz no contexto pentecostal, ela deve se conectar com a dinâmica da sua experiência de fé: a liturgia vibrante, a centralidade do corpo e a linguagem da batalha espiritual. É possível, portanto, ressignificar estes elementos centrais da identidade pentecostal em uma chave ecológica e de partilha, aprofundando o potencial para uma ecopraxis.

O pentecostalismo promove uma profunda valorização do corpo como templo do Espírito Santo e lugar da experiência divina – seja na cura, na profecia ou no falar em línguas. Esta afirmação teológica do corpo se contrapõe radicalmente à lógica do mercado, que o trata como mero instrumento de produção ou objeto de consumo. Uma ecoteologia do Espírito pode expandir essa consciência,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

mostrando que o mesmo Espírito que habita o corpo do fiel é aquele que "geme" com toda a criação (Rm 8,22). Assim, o cuidado com o corpo se estende naturalmente ao cuidado com o corpo maior, a Terra, a Casa Comum.

Podemos pensar em várias forma concreta de viver está "solidariedade cósmica" (BOFF, 2004, p. 38-39), uma simples e bem eficaz é a criação de uma horta comunitária. Esta não é apenas uma fonte de alimentos, mas um ato teológico: um espaço onde se reconhece a terra não como um recurso a ser explorado, mas como parceira no dom da vida, e onde, inclusive produtores locais poderão ter apoio. A experiência pentecostal de que "tudo é relação" (BOFF, 2004, p. 38) no corpo da igreja é, assim, ampliada para uma consciência de que tudo está interligado no corpo do planeta.

Da mesma forma, a linguagem da guerra espiritual, tão presente no universo pentecostal e destacada por Mariano (1999, p. 36), pode ser recontextualizada profeticamente. Em vez de uma batalha focada exclusivamente em entidades demoníacas abstratas, a luta espiritual pode ser direcionada contra as potestades e principados que se manifestam em estruturas de opressão concretas. A idolatria do mercado, que exige o sacrifício de vidas humanas (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 12), revela-se, assim, como um poder espiritual a ser combatido. O primeiro passo dessa batalha espiritual-econômica é uma "auditoria profética" dos recursos da própria comunidade. As finanças e o patrimônio da igreja não são neutros: ou servem à lógica da acumulação ou são ativamente colocados a serviço da missão da partilha. Questionar se as práticas financeiras refletem a "autoestima do mercado" (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 154) ou o Evangelho, é o cerne desta luta. Nela, o dízimo e as ofertas são ressignificados: deixam de ser um sacrifício para obter retorno individual e tornam-se a partilha do pouco que, abençoado e distribuído, gera suficiência para todos. Finalmente, a própria liturgia pentecostal, com sua intensidade afetiva e comunitária, pode se tornar uma fonte de ecopraxis. O grito de louvor e adoração no templo pode ser conscientemente conectado ao "grito da Terra" e ao "grito dos pobres" (BOFF, 2004, p. 11).

A celebração da abundância da graça de Deus pode inspirar um compromisso com a partilha da abundância dos bens da criação. Este compromisso litúrgico se materializa no cuidado radical com as sobras, em oposição direta à lógica do desperdício que sustenta o consumo insaciável.

O mandato de recolher os cestos para que "nada se perca" (Jo 6,12) inspira por exemplo, a criação de bancos de alimentos, programas de compostagem e uma "cultura da suficiência" (oficinas de concerto, trocas).

Tais práticas são um ato de resistência contra o paradigma que nos entende como seres que devem "acumular grande número de meios de vida" (BOFF, 2004, p. 15), e reeducam a comunidade a encontrar alegria não na posse, mas na partilha. A experiência comunitária da koinonia, movida pelo Espírito, torna-se o modelo para a democracia sociocósmica (BOFF, 2004, p. 156), onde o cuidado mútuo na igreja transborda para o cuidado solidário com todos os seres. A comunidade pentecostal,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

assim, não apenas canta sobre um novo céu e uma nova terra, mas se torna, pela força do Espírito, um sinal prático e visível dessa nova criação aqui e agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou demonstrar que a perícopes da multiplicação dos pães e peixes, quando lida para além de uma demonstração miraculosa, revela uma "pedagogia da partilha" que serve como um paradigma teológico fundamental para uma ecopraxis sustentável. Nossa trajetória iniciou-se com uma análise retórica que desvelou o mandato de Jesus — "Dai-lhes vós mesmos de comer" — como uma inversão profética da lógica excludente do mercado, fundando uma economia da dádiva e da corresponsabilidade. Em seguida, o diálogo com teólogos latino-americanos permitiu nomear a lógica do mercado como uma "idolatria" sacrificial, um sistema que se opõe ao Deus da Vida ao gerar fome e degradar a Criação.

O desafio central foi aplicar esta crítica ao contexto dos pentecostalismos. Reconhecemos a tensão gerada por certas vertentes da Teologia da Prosperidade, que correm o risco de mimetizar a lógica individualista e sacrificial do consumo. Contudo, argumentamos que a solução não é uma crítica externa, mas a ativação do potencial imanente na própria fé pentecostal. A proposta de uma "ecoteologia do Espírito" mostrou-se um caminho viável.

Demonstramos que, ao invés de rejeitar a gramática da experiência pentecostal, é possível ressignificá-la. A valorização do Corpo como templo do Espírito se expande para o cuidado com o corpo maior da Criação, materializando-se em ações como as hortas comunitárias. A Batalha Espiritual é recontextualizada como a luta contra as estruturas idolátricas do mercado, tendo na "auditoria profética" das finanças da igreja sua primeira trincheira. E a Liturgia vibrante, ao conectar o louvor ao "grito dos pobres" e da Terra, encontra sua expressão prática no mandato de "recolher as sobras", combatendo o desperdício.

O milagre da multiplicação, portanto, não é um endosso à abundância para a acumulação individual, mas a fundação de uma economia da suficiência baseada na koinonia. A contribuição pentecostal para a crise socioambiental, movida pelo Espírito, pode ser precisamente a de testemunhar que a verdadeira providência divina não se encontra na posse, mas na mesa partilhada. A pedagogia de Jesus no deserto permanece: a fome não se resolve comprando, mas partilhando. A comunidade que se organiza, abençoa e distribui, cuidando para que nada se perca, é o sinal profético de um mundo onde a vida, enfim, triunfa sobre o ídolo.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 17/10/2025 | aceito: 19/10/2025 | publicação: 21/10/2025

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia. Petrópolis: Vozes, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOFF, Leonardo. Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. Editado por Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini e Bruce M. Metzger. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

OLIVEIRA, Albino Nonato de. Deus na Criação: Abordagem Ecológica e Trinitária na Teologia de Jürgen Moltmann. 2007. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/deus-na-criacao-abordagem-ecologica-e-trinitaria-na-teologia-de-jurgen-moltmann/>. Acesso em: 25 set. 2025.

SUNG, Jung Mo. Desejo, mercado e religião. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.